



serigrafando  
placas sobre  
VIDAS -

uma formação  
com professores

Catiúcia Schneider  
Cristhianny Barreiro

2025



## Serigrafando placas sobre VIDAS: uma formação com professores

Conteúdo e organização: Catiúcia Klug Schneider

Orientação e supervisão: Cristhianny Bento Barreiro

Fotografias, projeto gráfico e editoração eletrônica: Catiúcia Klug Schneider

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul

Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEduc

Doutorado Profissional em Educação e Tecnologia

**GENE** – Grupo de Estudos Narrativos em Educação

### Ficha Catalográfica

S358s Schneider, Catiúcia Klug.  
Serigrafando placas sobre vidas [recurso eletrônico] : uma formação com professores / Catiúcia Klug Schneider, Cristhianny Bento Barreiro. – 2025.  
50 p. : il. color.

ISBN: 978-65-01-51701-8  
Produto educacional - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Doutorado Profissional em Educação e Tecnologia, Pelotas, 2025.

1. Formação de professores. 2. Espaço escolar. 3. Espaço e lugar. 4. Psicologia ambiental. 5. Inter-relação pessoa-ambiente. I. Barreiro, Cristhianny Bento. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul. III. Título.

CDD 370.71

Catálogo na publicação:  
Bibliotecária Glória Acosta Santos CRB 10/1859  
Biblioteca IFSul - Câmpus Pelotas

# lugares

Perceber lugares requer uma interpretação que depende da relação existente entre a dimensão física e a dimensão simbólica contidas no espaço (Frago, 1998).

# SE RI GRA FI A

Este produto educacional foi elaborado como parte do desenvolvimento da tese de Doutorado intitulada *Histórias. Serigrafia. Placas. A pesquisa-formação-ambiental como possibilidade para compreender a inter-relação de professores e seus lugares*. Aqui, você encontrará conteúdos e abordagens, frutos de um pesquisa que se dedicou a compreender a relação entre pessoas e ambientes, proporcionando reflexões sobre os possíveis impactos no modo de ser e estar docente e na organização dos espaços escolares. Para uma imersão mais aprofundada nos fundamentos teóricos que sustentam esta pesquisa-formação-ambiental, recomendo a leitura integral da tese. Espero que este material seja uma ferramenta valiosa dentro da área formação de professores e que contribua para enriquecer suas experiências. Assim, deixo o convite: monte sua arte, prepare sua tela e experimente o incrível processo da serigrafia para produzir sua própria placa. Serigrafie placas sobre a VIDA!

Palavras-chave: formação de professores. espaço e lugar. psicologia ambiental. inter-relação pessoa-ambiente. espaço escolar.

Quantos de nós, professores, já paramos para refletir sobre a nossa relação com o espaço escolar? Muitas vezes podemos ter notado uma preferência por determinados ambientes em detrimento de outros, nos sentindo mais conectados ou, ao contrário, mais distantes dos espaços onde atuamos. No entanto, é provável que essa relação entre pessoas e ambientes não tenha sido objeto de uma reflexão mais aprofundada. Isso porque, “as pessoas são tocadas, sentem de alguma maneira os estímulos que recebem, mas, na maior parte das vezes, não atentam para o que acontece em seu interior e menos ainda reconhecem isso como causa de sua ligação com os ambientes” (Cavalcante; Elali, 2018, p.9).

É justamente o interesse por essa inter-relação entre indivíduo e ambiente que deu origem à psicologia ambiental. Um campo de estudos que investiga a percepção, a cognição e o comportamento, buscando compreender como as pessoas percebem o ambiente; como a mente processa e organiza as informações recebidas e de que maneira compreendem, reagem e modificam esse ambiente. Ou seja, analisa como essas interações influenciam no comportamento humano e nos ambientes.

Com base nessa compreensão e explorando a serigrafia como linguagem expressiva, foi criada uma proposta formativa voltada para docentes, incentivando a reflexão sobre a sua relação com os lugares e os possíveis impactos no modo de ser e estar docente. Um processo de (trans) formação, que vai para além de alcançar determinado resultado. Histórias revividas e ressignificadas. Vidas serigrafadas.

Assim, o objetivo deste produto educacional é oferecer uma estrutura e orientações para essa experiência formativa, promovendo um espaço de ampliação de conhecimentos em que os lugares assumem um papel central nas histórias de vida. Um conhecimento de si, do outro, do espaço escolar. Refletir sobre os lugares e as relações estabelecidas com e através deles, procurando compreender a experiência. Melhorar os espaços. Proporcionar encontros. Criar placas. Produzir sentido. Tudo isso, talvez, muito mais do que isso.





espaço  
lugar

lugar

A noção de espaço e lugar ocupa uma posição central na compreensão das relações das pessoas com seu ambiente, sendo difícil descrever um conceito sem esbarrar no outro. Cotidianamente, os termos espaço e lugar se confundem e são empregados como sinônimos, porém nos estudos sobre a relação pessoa-ambiente cada um tem um significado distinto.

O espaço é caracterizado pela sua exterioridade em relação ao indivíduo, a sua neutralidade e por estar ligado ao aspecto físico do ambiente. Em contrapartida, o lugar é um espaço pelo qual estabelecemos relação e atribuímos significado e valor através do que vivemos nele, sendo caracterizado pelos sentidos que lhe conferimos. “Lugar é um espaço com o qual se estabelece relação” (Cavalcante; Nóbrega, 2011, p.182). O espaço se transforma em lugar quando os sujeitos que nele transitam lhe atribuem significados, ou seja, enquanto lugar, o espaço ganha importância pelo valor atribuído às vivências e sentimentos relacionados a ele, e nesse ponto é que reside a diferença entre ambos pois “o espaço habitado transcende o espaço geométrico” (Bachelard, 1958, p.47).

# SUMÁRIO

**6** qual a tua relação com o espaço escolar?

**8** espalha a tinta, puxa o rodo, levanta a tela. olha a placa!

10 PRIMEIRO ENCONTRO

14 PREPARANDO A TELA SERIGRÁFICA

17 ESCOLHENDO AS CORES E OS PAPÉIS

28 CRIANDO E PREPARANDO O ESTÊNCEL COMO MATRIZ

31 IMPRIMINDO COM SERIGRAFIA

35 ENCONTRO FINAL

**21** conhecendo o processo serigráfico

**36** de onde surgiu essa formação para docentes?

**38** instruções e objetivos das etapas-placa

**44** referencial teórico

# qual a tua relação com o espaço escolar?

## COMO VOCÊ SE SENTE NESSE ESPAÇO? COMO OS TEUS COLEGAS SE SENTEM?

Seja bem-vindo a essa oportunidade formativa, uma possibilidade de conhecer mais sobre si, ressignificar as vivências, conhecer o coletivo e prospectar o futuro. Um conhecimento do espaço escolar e das relações estabelecidas com e através deles. Uma pesquisa-formação-ambiental que busca a aprendizagem através da relação que estabelecemos com os lugares em que vivemos. Uma formação que usa a autobiografia ambiental para contar histórias e a serigrafia como uma linguagem para expressar a subjetividade. Serigrafia. Placas. Vidas. Serigrafando placas sobre a vida.

Uma formação organizada para ser vivenciada em grupo, visto que no contexto de uma pesquisa-formação (Josso, 2004), a relevância do coletivo se evidencia na dinâmica do processo: um espaço de escuta que evoca vivências e pouco a pouco vai produzindo as aprendizagens. Trata-se de uma oportunidade de construir conhecimentos a partir da socialização das experiências, em que a dimensão da escuta permite a experienciação da alteridade (Barreiro, 2009). Assim, nessa dinâmica de escuta vamos conhecendo o outro e nos reconhecendo na história dele, em um processo formativo no qual nos constituímos junto aos nossos pares, em um movimento singular-plural (Josso, 2004). Afinal não vivemos isolados, pelo contrário, vivemos rodeados de pessoas com diferentes histórias de vida, saberes, culturas e valores.

Para que a dinâmica dessa formação aconteça de maneira organizada, um dos participantes deve assumir a coordenação do grupo, direcionando as atividades, preparando os materiais e o espaço para os encontros. Além disso, podem ser realizadas adaptações às propostas, conforme as necessidades do grupo. Rizzati *et al.* (2020) destacam que um produto educacional, ao possuir licença *Creative Commons*, não é uma obra finalizada e fechada, pelo contrário, permite que outros o utilizem, adaptem, modifiquem, gerando novos produtos que podem ser compartilhados.

## PESQUISA-FORMAÇÃO

É um método de pesquisa, desenvolvido por Marie-Christine Josso (2004), que tem como objetivo a formação considerando a experiência de aprendizagem. É um processo intersubjetivo, baseado na abordagem biográfica que busca construir significados e sentidos em um projeto de formação e conhecimento.

## AUTOBIOGRAFIA AMBIENTAL

É a história de vida com uma abordagem que inclui como exigência a focalização da narrativa nas relações do indivíduo com os lugares significativos na sua trajetória de vida. “Uma história pessoal que inclui o ambiente como o principal ator no conjunto dos personagens”(Elali; Pinheiro, 2008, p.227).

# pesquisa-formação-ambiental

Um conceito, um neologismo criado por mim, que une os pressupostos da pesquisa-formação (Josso, 2004) com a autobiografia ambiental (Copper Marcus, 2014; Elali; Pinheiro, 2008) ou seja, um trabalho com narrativas cujo foco são as vivências dos participantes a partir dos lugares em que viveram. Histórias que são revividas e ressignificadas. Um passado onde estão os lugares nos quais vivemos, o que faz com que uma das possibilidades de contar essa história seja através da elaboração de uma autobiografia ambiental.

Um método que não busca reconstruir fatos passados e presentes como verdades históricas, mas compreender visões de mundo, sonhos, expectativas, desejos, anseios, comportamentos. Abrahão (2011) salienta que, quando trabalhamos com memória narrativa, reconstitutiva e seletiva, "verdade" é aquilo que é “verdadeiro” para o narrador. Assim, a partir das memórias e histórias narradas, vamos em busca de elementos para a compreensão das nossas vivências e elaboração do conhecimento. Uma proposta em que o narrador é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto da narração, exigindo, portanto, a consciência de que a reflexão realizada é essencial para entender sua própria formação. Além disso, o ato de narrar e a escuta, dentro desta formação, se configura como um momento de desenvolvimento formativo (Josso, 2004; Abrahão, 2011; Barreiro, 2009).

# espalha a tinta, puxa o rodo, levanta a tela. olha a placa!

Uma formação planejada para que a experiência possa ser produzida em outras linguagens, indo para além da oralidade e da escrita. Aqui, a expressão ganha forma por meio de códigos simbólicos que transmitem emoções, ideias, desejos e memórias, porque, às vezes, somente as palavras não são suficientes para expressar tudo aquilo que queremos. Fotografias, vídeos e escrita compõem o percurso, culminando na criação de placas a partir da autobiografia ambiental e da serigrafia. **A materialização da subjetividade.**

**PORQUE PLACAS?** Quando colocamos uma placa em um ambiente, vamos nos projetando neste espaço, ao mesmo tempo, essas placas podem provocar os sentidos, nossos e de outros, num movimento em que nos projetamos no ambiente assim como o introjetamos. Uma placa que, provocando os sentidos daqueles que frequentam o espaço, possibilita que este se transforme em um lugar significativo. Isso porque, os significados simbólicos que se desenvolvem ao longo do tempo são associados às lembranças dos ambientes, das pessoas que estavam presentes nele, assim como dos elementos simbólicos que o compõem (Cavalcante; Elali, 2008). Esses significados, tornam-se parte das conexões das pessoas com os lugares e de seu apego a eles, sendo evocados por sentimentos tanto positivos quanto negativos, nos trazendo à mente alegrias, indiferença, qualidades estéticas.

**PORQUE SERIGRAFIA?** Trabalhar com a serigrafia, além de ser uma possibilidade de impressão criativa, pode proporcionar uma experiência de interação e entrega através da arte. Assim como na escrita, as escolhas da cor, tipografia, estética e poética também são fundamentais. A análise daquilo que foi impresso, das mudanças e das novas impressões revela um processo contínuo de significação e ressignificação. Assim como na vida, tudo acontece ao mesmo tempo, ao mesmo tempo tudo acontece. A vida é dinâmica, assim como o processo serigráfico. A objetivação da subjetividade. Uma placa. Uma impressão serigráfica experimental. Uma história.

Uma formação organizada em quatro momentos, que possibilitam diferentes movimentos para a tomada de consciência do vivido, produzindo conhecimento e oportunizando vislumbrar outros horizontes de possibilidades. Para cada etapa, uma atividade narrativa e o desenvolvimento de um processo da serigrafia. **Fotografias. Vídeo. Autobiografia ambiental. Placas.** Nessa sistematização, cada etapa faz analogia a uma placa, não uma placa apontando para um caminho único, mas sim para mais um caminho possível. Uma etapa-placa.

## fotografias

PREPARANDO A TELA  
SERIGRÁFICA

Fotografias que evocam memórias ainda fragmentadas. Lugares que despertam lembranças do vivido, conduzindo a questionamentos e reflexões. Nesse processo, ressignificamos a nós mesmos como autores da nossa própria história.

## vídeos

ESCOLHENDO AS  
TINTAS E PAPÉIS

A criação de um vídeo centrado na relação estabelecida com o espaço escolar propõe captar e representar a experiência vivida entremeadada com a imaginação. O mesmo ambiente, diferentes narrativas, pois a significação dos espaços é única e está intrinsecamente ligada as experiências anteriores de cada pessoa.

## autobiografia ambiental

CRIANDO E ESTÊNCIL

Escrita de um enredo para dar sentido à história de vida, buscando compreender as vivências e deixando aflorar as experiências. É nesse esforço de dar sentido ao vivido, que ocorre o encontro do sujeito epistêmico com o sujeito empírico (Passeggi, 2016).

## placas

IMPRIMINDO  
COM SERIGRAFIA

Momento de fortalecimento através do processo de reconfiguração do mundo criado pelo texto, que permite um novo tempo de teorização e sistematização da própria experiência da pesquisa-formação-ambiental. A criação e impressão das placas. A materialização da subjetividade.

**O PRIMEIRO ENCONTRO** marca o início da formação: Serigrafando placas sobre VIDAS. Este momento deve ser dedicado à compreensão das atividades e seus objetivos, ao planejamento do cronograma dos encontros, à exploração detalhada das etapas-placas e dos caminhos possíveis a serem percorridos na pesquisa-formação-ambiental. Gaston Pineau (2001) destaca a importância de fazer uma apresentação prévia dos objetivos ao utilizar histórias de vida, incluindo os procedimentos que serão utilizados e o contexto da abordagem biográfica. Além disso, é fundamental ressaltar que os participantes têm total liberdade para desistir da formação a qualquer momento, pois o bem-estar e o entusiasmo são essenciais para essa jornada.

A participação deve ser efetiva e comprometida, garantindo que as atividades sejam desenvolvidas conforme o cronograma estabelecido, que pode ser reestruturado no decorrer da formação. Para isso, é essencial organizar um calendário de encontros que se adeque à disponibilidade do grupo, valorizando um tempo que é tão raro. Os professores não têm tempo, salvo raras exceções, são engolidos pelas inúmeras atividades, entram e saem da escola numa rotina que, muitas vezes, inviabiliza a formação continuada. Nos falta tempo. Mas é preciso criá-lo, encontrá-lo, ressignificá-lo e, talvez, isso seja o primeiro desafio dessa formação.

Neste primeiro encontro, também é interessante organizar um meio de comunicação digital. Criar um grupo em uma rede social como o *whatsapp* pode possibilitar que o grupo compartilhe seus materiais, ideias, dúvidas e expectativas. Além disso, pode auxiliar em combinações de ajustes necessários, como mudança do dia da semana, alteração no horário, cancelamento de encontros. Situações comuns em uma formação dentro de uma escola, com pessoas, com histórias de vida, afinal a vida é dinâmica. Outra sugestão é fornecer folhas ou um bloco para anotações, permitindo que cada participante possa colar as suas fotos, criar seu roteiro, registrar suas reflexões, compreensões e narrativas de maneira pessoal e exploratória (a imagem 01 é um exemplo do kit com materiais para a formação). Esse material pode se tornar um diário da formação, acompanhando todo o percurso formativo.

Os lugares são o elemento central nesta formação e por isso, a escolha e organização do ambiente para os encontros não poderia deixar de ter uma atenção especial. Seguindo a

É importante que o professor coordenador seja um participante da formação e inicie as atividades com a sua narrativa, assim os colegas se sentirão mais seguros.

Lembre-se de orientar os participantes a não interromper e julgar as narrativas dos colegas!

Imagem 01: Sugestão de material para ser distribuído ao grupo de professores.



perspectiva de Clandinin e Connelly (2015), o ambiente deve ser seguro e acolhedor, permitindo que os participantes se sintam confortáveis para compartilhar suas histórias e vivenciar suas experiências. Pequenos cuidados que ajudam a criar uma atmosfera de tranquilidade, permitindo que, pouco a pouco, os participantes possam relaxar da correria de sair de uma aula agitada, do trânsito, dos afazeres do dia a dia. Além disso, é importante que a sala disponha de mesas ou bancadas para o desenvolvimento da serigrafia.

Josso (2004) costumava iniciar suas oficinas de pesquisa-formação com um momento de meditação. É essencial encontrar uma maneira de preparar o grupo para a experiência, seja por meio de um exercício corporal, um alimento compartilhado, uma leitura inspiradora ou alguma outra prática que ajude a criar um contexto significativo. Essa conexão com o corpo e com as vivências individuais e coletivas ativa nossa sensibilidade e fortalece a construção de memórias mais significativas. Afinal, as emoções, o ambiente e a interação entre ambos desempenham um papel essencial na evocação das memórias (Izquierdo, 2018).

Para cada etapa-placa da formação, a sugestão é que seja entregue um material com as instruções e o objetivo da atividade a ser desenvolvida. Esse documento pode ser anexado no diário da

formação, tornando-se parte da composição que registra a trajetória do processo formativo que está sendo vivido. Assim, ao final deste primeiro encontro o grupo deve receber o documento referente a placa-etapa 1: Fotografias | Preparando a tela serigráfica.

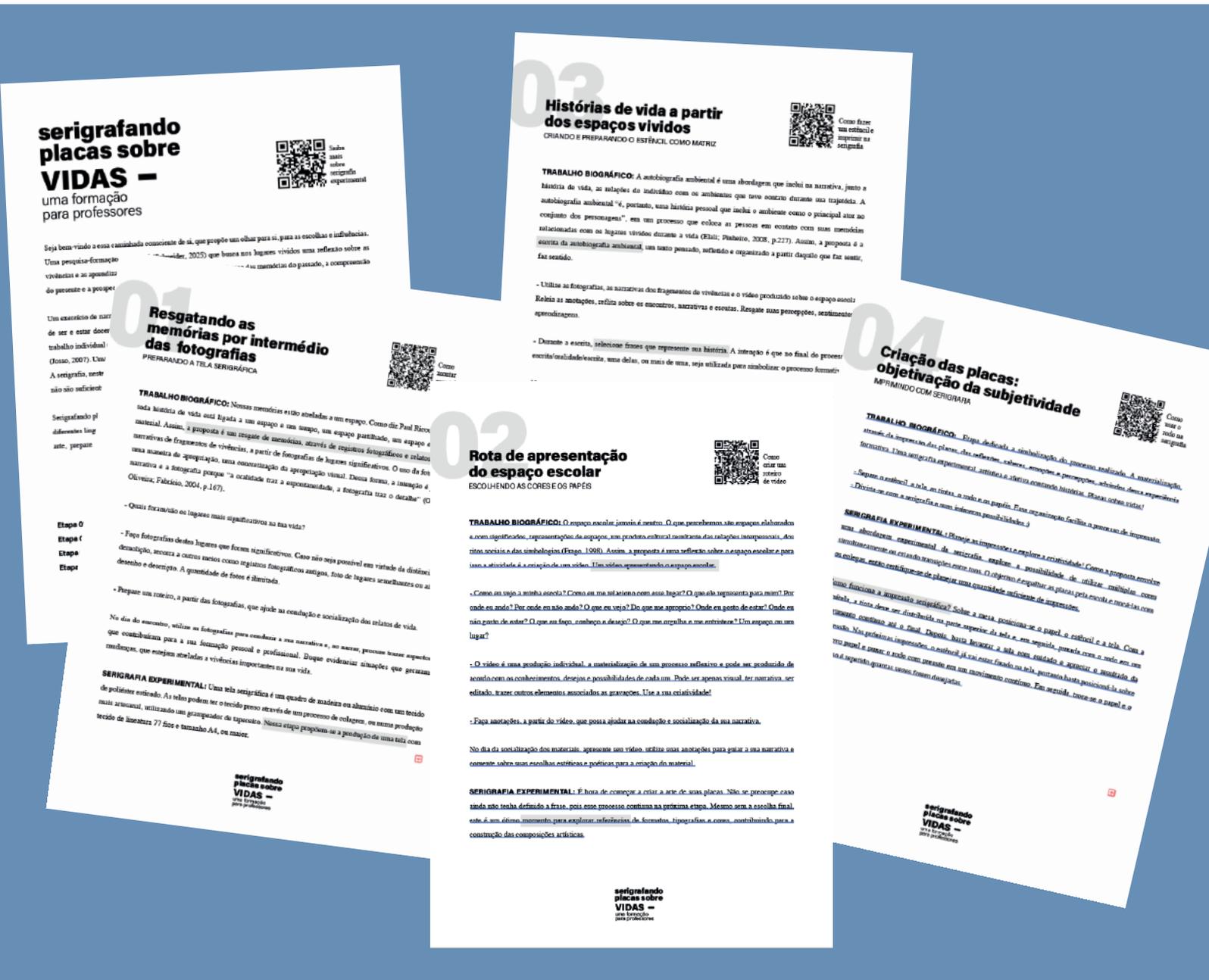


Imagem 02: Documentos contendo as instruções e o objetivo da atividade a ser realizada em cada placa-etapa. Eles encontram-se disponíveis para impressão nas últimas páginas desse material.



Imagem 03: Processo da impressão serigráfica da capa do bloco-diário que foi entregue ao grupo de docentes participantes da pesquisa-formação-ambiental.

# resgatando as memórias por intermédio das fotografias

## PREPARANDO A TELA SERIGRÁFICA

A etapa 1, Resgatando as memórias por intermédio de fotografias | Preparando a tela serigráfica é o passo inicial do processo de biografização. Um exercício para que aos poucos as memórias sejam resgatadas. É também o primeiro passo da serigrafia.

A proposta é que os professores fotografem seus **lugares significativos**, visto que o olhar singular através da lente é um processo de leitura e narrativa que possibilita a redescoberta de si mesmo no outro e o outro em si mesmo, ou seja, um duplo reconhecimento (Andrade, 2002). Na impossibilidade de ir até os lugares, ou se estes não existam mais, a indicação é recorrer à fotografias antigas, fazer o registro de lugares semelhantes ou até mesmo esboçar as lembranças em formato de desenhos. É importante destacar que a fotografia é um olhar sobre o mundo, um registro que trás a intencionalidade de alguém, uma mensagem de um olhar que procura dar significado ao mundo (Oliveira; Oliveira; Fabrício, 2004).

A sugestão é que as fotografias e/ou desenhos sejam impressos e organizados no bloco-diário, e que nele sejam acrescentadas descrições e anotações sobre os lugares e as vivências com e através deles. A atividade é livre e por isso, podem usar grafismos, colar *post it* para apontar datas, representar significados, relacionar lugares. É uma busca pela produção de sentido. Vale ressaltar que o uso do bloco-diário físico é uma possibilidade e que, caso o grupo prefira, pode ser substituído por uma plataforma digital onde seja possível criar murais interativos e até mesmo colaborativos, a exemplo do *trello* e do *padlet*.

Posteriormente, com a intenção de juntar a narrativa e a fotografia, porque “a oralidade traz a espontaneidade, a fotografia traz o detalhe” (Oliveira; Oliveira; Fabrício, 2004, p.167), cada participante, a partir das imagens e seus apontamentos, deve ser convidado a fazer um

relato de vida para cada registro, que segundo Pineau (2006, p. 340), “ aponta para a importância da expressão do vivido pelo ‘desdobrar narrativo’, quer essa enunciação seja oral ou escrita”.

Importante destacar que narrar reflexivamente é transformar as vivências em experiências (Josso, 2008), ou seja, a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experienciar é aprender, atuar sobre o dado e criar a partir dele (Tuan, 2015). A narrativa reflexiva é um olhar para si, quando selecionamos lembranças e tratamos elas na perspectiva oral ou escrita, organizando as ideias, estamos potencializando a reconstrução da vivência de forma autorreflexiva e gerando suporte para a compreensão de nossas experiências formativas. Além disso, falar de si auxiliado por fotografias nos transporta a outros tempos, outros espaços, outros lugares. Permite uma compreensão a partir do deslocamento de sentidos, individual e coletivo (Oliveira; Oliveira; Fabrício, 2004).

Após as narrativas, o grupo deve ser convidado a expressar suas reflexões, destacar elementos que possam auxiliar o colega a refletir sobre as suas vivências e os lugares trazidos através das fotografias, ou ainda, contar o que a narrativa despertou em relação a sua própria história. A intenção é proporcionar uma reflexão acerca de que quando relembramos o vivido, vinculamos os espaços em que as situações aconteceram. O contexto está sempre presente e é necessário para dar sentido às histórias, isso porque nossas lembranças estão vinculadas a um espaço e, “essa tomada de posse do espaço vivido é um elemento determinante na conformação da personalidade e mentalidade dos indivíduos e dos grupos” (Frago, 1998, p.63). Fotografias, anotações, lembranças, relatos narrativos. O início do processo de biografização.

Nesta etapa, a preparação da tela também faz parte do processo e pode ser realizada gradualmente, ao final de cada encontro, ou em um momento específico dedicado exclusivamente a essa atividade. O professor coordenador deve avaliar, junto ao grupo, qual abordagem é mais produtiva, levando em consideração o ritmo e a profundidade das discussões. Em certas ocasiões, interromper reflexões importantes para realizar a atividade

prática pode significar a perda de experiências valiosas. Por outro lado, em dias de menor engajamento, a preparação da tela pode ajudar a criar um contexto mais significativo, estimulando o grupo e facilitando sua imersão nas narrativas.

**TELA:** A tela serigráfica pode ser comprada pronta em lojas de insumos para produtos de Comunicação Visual ou ainda ser confeccionada de forma manual. Uma tela é um quadro de madeira ou alumínio com um tecido de poliéster esticado. As telas podem ter o tecido preso através de um processo de colagem, ou numa produção mais artesanal, utilizando um grampeador de tapeceiro.

Para esta formação, recomenda-se montar a tela utilizando a técnica de grampagem, um método simples e eficiente. O tecido indicado é o nylon poliéster, que pode ter 55, 77 ou até 180 fios. Quanto maior a quantidade de fios, mais fechada é a trama, o que permite impressões mais detalhadas, mas exige cuidados extras para evitar o entupimento. Já os tecidos de trama mais aberta são ideais para impressão têxtil. Como a proposta envolve a impressão de placas em papel, o tecido de trama média, como o de 77 fios, é uma boa escolha, pois reduz o risco de entupimento e garante uma impressão de qualidade sobre papel. O tamanho do quadro é livre, mas para essa atividade o tamanho A3 possibilita a impressão de duas placas A5 reservando um espaço confortável para manuseio da tinta e do rodo. Uma sugestão é utilizar molduras de porta retratos ou telas de pintura descartadas.

## MATERIAIS:

quadro de madeira A3  
tecido poliéster 77 fios  
grampeador de tapeceiro  
fita crepe larga



Como  
montar  
uma tela  
serigráfica

SERIGRAFIA

# rota de apresentação do espaço escolar

## ESCOLHENDO AS CORES E OS PAPÉIS

A etapa 2, Rota de apresentação do espaço escolar | Escolhendo as cores e os papéis, foi organizada com o foco na relação estabelecida com o espaço escolar. Após resgatar lugares significativos ao longo de suas trajetórias de vida, compartilhar suas vivências com os colegas e iniciar o processo de biografização, a proposta é que cada docente produza um vídeo. Uma produção individual, visando a imersão e materialização do processo reflexivo sobre a relação com a escola. Como eu percebo a escola onde trabalho? Como eu me relaciono com esse lugar? O que ele representa para mim? Por onde eu ando? Por onde eu não ando? O que eu vejo? Do que me aproprio? Onde eu gosto de estar? Onde eu não gosto de estar? O que eu faço, conheço e desejo? O que me orgulha e me entristece? Um espaço ou um lugar?

A escola. Um espaço que não é neutro, pelo contrário, é um lugar percebido, e sendo a percepção um processo cultural, o que percebemos são espaços com significados, representações, um produto cultural resultante das relações interpessoais, dos ritos sociais e das simbologias (Frago, 1998). Essa reflexão destaca a importância de reconhecer que cada pessoa se relaciona com o espaço de forma singular. O ambiente escolar pode ser o mesmo, mas as narrativas que dele emergem variam entre os indivíduos, porque a significação dos espaços é única e depende das experiências anteriores de cada pessoa.

Nesse sentido, a atividade tem como objetivo possibilitar que cada participante expresse sua percepção sobre espaço escolar de acordo com seus conhecimentos, desejos e possibilidades individuais. O vídeo pode ser estruturado de maneira exclusivamente visual ou incluir uma narrativa, ser gravado e editado, ou ainda produzido de maneira contínua. Além disso, outros elementos podem ser incluídos para enriquecer a narrativa e a expressão individual

de cada participante. Importante destacar que o principal objetivo não é o resultado estético alcançado e sim a imersão, a expressão advinda de uma linguagem artística, que além de ser um meio é também uma nova experiência.

**PRODUZINDO UM VÍDEO:** O primeiro passo para a produção de um vídeo é a elaboração do roteiro, um esboço da narrativa. Para isso, os professores devem, inicialmente, selecionar os locais que aparecerão na gravação e decidir se utilizarão apenas imagens ou também uma narrativa. Além disso, é necessário definir se haverá edição posterior ou se a gravação será contínua, sem necessidade de cortes. Esse processo, além de fundamental para a produção do vídeo, estimula reflexões sobre o espaço escolar, os ambientes mais ou menos frequentados, os locais de preferência ou rejeição, promovendo, assim, uma imersão no universo da escola. Importante destacar que todas essas anotações e montagem do roteiro podem ser feitas no bloco-diário.

Após a finalização dos vídeos, é essencial organizar um momento para a apresentação aos colegas, seja por meio de projeção, exibição em tela de computador ou compartilhamento do arquivo para visualização em dispositivos individuais. Em seguida, conforme o modelo estabelecido na etapa 1, cria-se um espaço para a troca de reflexões e formulação de questionamentos. O intuito é criar um ambiente de apoio mútuo e colaboração, incentivando um processo construtivo no qual os participantes possam aprofundar a reflexão sobre suas vivências e os espaços retratados nos vídeos. Essa dinâmica não apenas enriquece o olhar de quem compartilha sua produção, mas também amplia a compreensão coletiva, favorecendo uma exploração mais sensível e significativa do espaço em que estão inseridos.

Dando continuidade à integração entre o processo de biografização e a produção serigráfica, nesta etapa os docentes começam a criar a arte de suas placas. Enquanto alguns já podem ter selecionado frases, outros ainda estarão nesse processo, mas como se trata de uma atividade em desenvolvimento, essa construção se estende até a etapa seguinte. Mesmo sem a frase escolhida, este é um momento adequado para explorar referências de formatos, tipografias e cores, ajudando na construção das composições. É importante ressaltar que a matriz será

confeccionada por meio de um estêncil (o processo de construção é detalhado na placa-etapa 3), o que dispensa a necessidade de um laboratório serigráfico estruturado e o uso de produtos químicos.

## MATERIAIS:

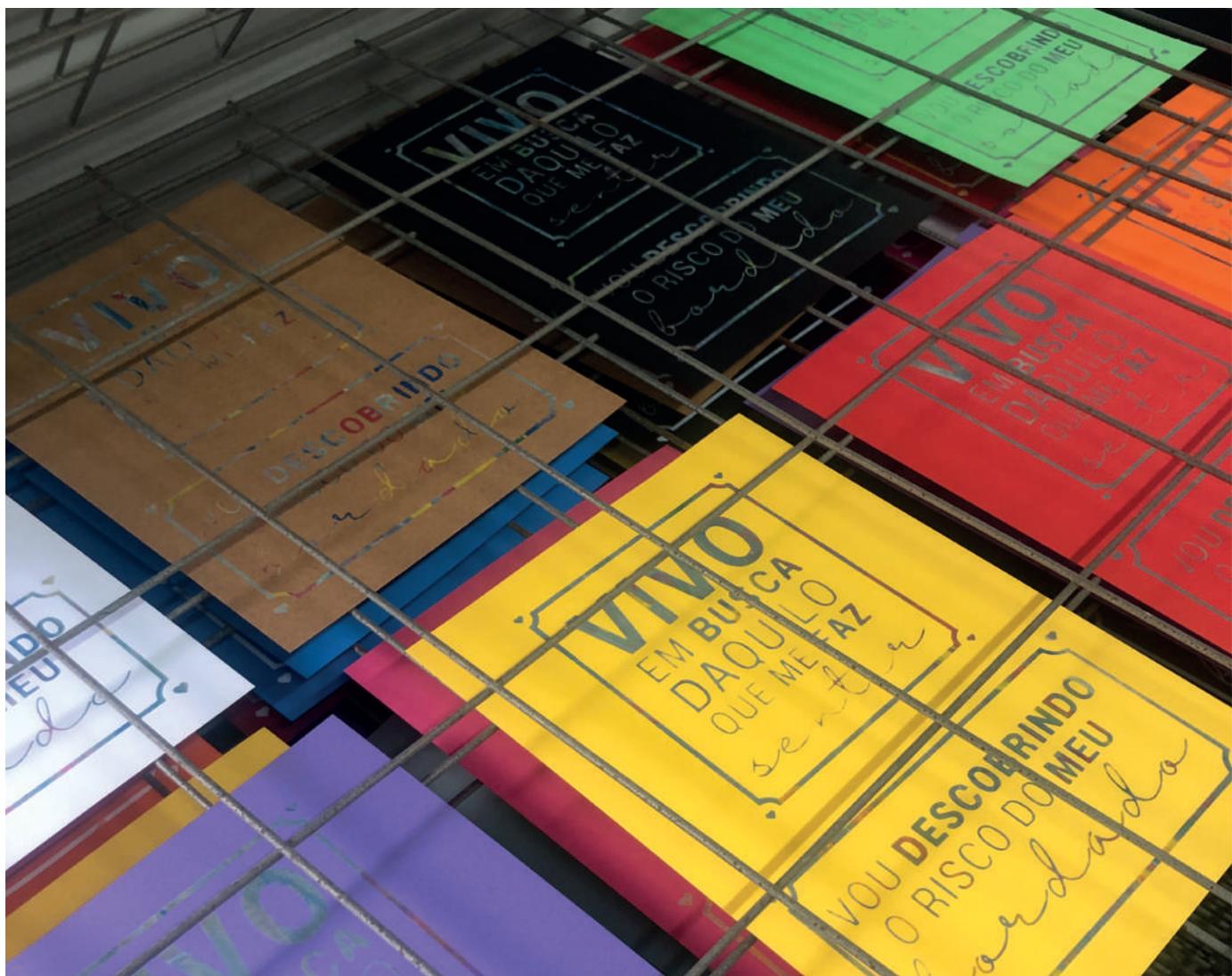
bloco-diário  
celular ou câmera  
editor de vídeo (opcional)  
lápiz e canetas coloridas



Como  
criar um  
roteiro  
de vídeo

## ROTEIRO

Imagem 04: impressões serigráficas secando em gradil. Exemplo do uso de diferentes cores de papéis e misturas de tintas.





**DICA AO PROFESSOR COORDENADOR:** É essencial reforçar a importância de ir selecionando frases que poderão ser utilizadas na criação das placas na etapa 4. Vale lembrar que a formação é um processo contínuo, no qual cada etapa foi cuidadosamente planejada para estimular diferentes movimentos de reflexão e tomada de consciência sobre o vivido. Esse percurso, interligado, promove a produção de conhecimento e oportuniza vislumbrar outros horizontes de possibilidades, permitindo um aprofundamento no conhecimento de si, do outro, do espaço escolar e das relações que se constroem com e através deles.

**Imagem 05:** Impressão serigráfica com mistura de cores.



## CONHECENDO O PROCESSO SERIGRÁFICO

Oficinas de serigrafia compartilham as mesmas necessidades e utilizam a mesma técnica independentemente do tamanho da sua estrutura, o que faz com que esse método de impressão seja o mais popular do mundo. Com recursos simples e conhecimentos básicos, ou até mesmo como um entusiasta em busca de novas experiências, é possível aprender serigrafia com facilidade. Esse universo é imensamente rico e diverso, repleto de cores, efeitos e texturas, permitindo inúmeras possibilidades de explorar a criatividade.

Embora o foco desta formação seja a serigrafia experimental, explorando a criação de placas e a impressão serigráfica com estêncil, este material apresenta um panorama geral da serigrafia, já que a principal diferença está na matriz utilizada. As ilustrações que auxiliam na compreensão de algumas explicações foram retiradas do livro *Mestres da serigrafia* (Komurki, 2018).

**O ESPAÇO:** A organização do espaço de trabalho é fundamental na serigrafia, pois envolve o manuseio de químicos, tinta e água. É essencial contar com uma área de impressão bem ventilada, equipada com uma mesa e um local apropriado para a secagem das estampas. Também é necessário um espaço dedicado à criação do design, com ferramentas digitais ou manuais para o recorte de estêncil. Além disso, deve-se dispor de uma área sem incidência direta de luz UV para o processo de emulsão das telas e uma área de lavagem, equipada com pia ou bacia, água e jato de pressão.

**ARTE:** O processo serigráfico começa com a criação da arte, que pode ser convertida em um fotolito ou um estêncil. O fotolito é um filme transparente (acetato) fotossensível utilizado para transferir a composição para as telas serigráficas. Já o estêncil consiste em um papel recortado que, quando combinado à tela, permite imprimir o desenho vazado. Diferentes maneiras de criar uma matriz serigráfica.

No fotolito, as áreas escuras correspondem às partes da composição que permanecerão vazadas na tela, permitindo a passagem da tinta através da trama do tecido. As áreas claras, por sua vez, permitem a passagem da luz, que endurece a emulsão, tornando-a impermeável. No caso do estêncil, as partes recortadas do papel equivalem às áreas escuras do fotolito.

O design para serigrafia pode ser desenvolvido tanto de forma analógica quanto digital. Para o fotolito, é possível desenhar, com marcadores e tintas, diretamente sobre a transparência ou colar formas opacas. Nesse caso, é importante garantir que as áreas escuras

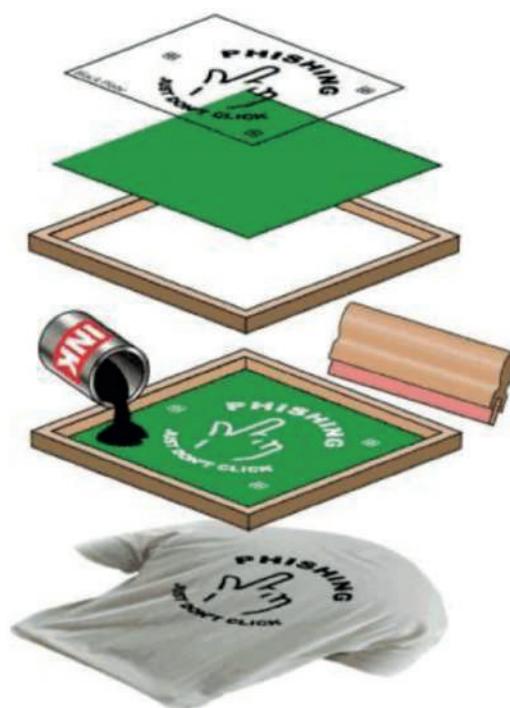


Imagem 06: Processo de impressão serigráfica  
 Fonte: <https://estampaweb.com/diferentes-formas-de-estampar-pecas-de-roupas/>



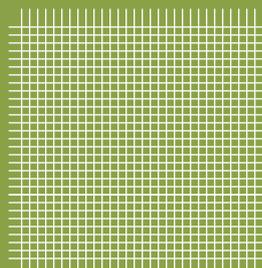
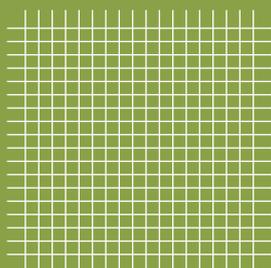
Saiba  
 mais  
 sobre  
 serigrafia  
 experimental

**SERIGRAFIA**

fiquem bem pretas para assegurar a qualidade da impressão. Outra alternativa é utilizar programas de edição de imagem e imprimir o design em um filme transparente. No caso do estêncil, a arte pode ser desenhada e recortada manualmente ou criada digitalmente e recortada a laser. A criação da arte e preparação do fotolito e estêncil envolvem a combinação de elementos gráficos, textuais, cores e texturas. Um procedimento que, por vezes, exige pausas, pois o processo criativo é uma construção por desconstrução. Assim, paralelamente, já se pode iniciar a preparação da tela serigráfica.

**A TELA:** A tela serigráfica é um dos componentes mais importantes do processo de impressão, podendo ser adquirida pronta ou preparada manualmente. A tela consiste em um bastidor, que pode ser de madeira ou alumínio, com um tecido de poliéster esticado e fixado através de um processo de colagem ou grampagem. Existem diferentes cores e lineaturas de tecidos, cada uma indicada para aplicações específicas. A cor do tecido geralmente está relacionada com a qualidade da impressão, por exemplo: tecidos amarelos prometem uma melhor precisão em detalhes pequenos, enquanto o tecido branco é uma opção mais acessível e ideal para impressões com tintas à base d'água.

A lineatura do tecido refere-se à quantidade de fios por centímetro quadrado, ou seja, uma malha de 77 fios possui setenta e sete fios tanto na posição horizontal quanto vertical. Os tecidos variam de 12 a 180 fios por centímetro, sendo que quanto maior o número de fios, menor são os orifícios da sua trama, permitindo assim detalhes mais precisos na impressão. Para impressão têxtil, recomenda-se um tecido de 49 fios, enquanto para impressão em papel, a opção ideal é uma tela acima de 90 fios. Já a lineatura de 77 fios é um equilíbrio entre ambos, possibilitando impressões tanto em tecido quanto em papel.



Exemplo de diferentes lineaturas de tecido.

**GRAVAÇÃO DA TELA:** Para gravar a tela pelo processo fotossensível, é necessário aplicar a emulsão fotográfica de maneira uniforme sobre a tela, garantindo que o procedimento seja feito sem a incidência direta de luz ultravioleta (UV). Após a secagem completa, inicia-se a reação fotoquímica: a tela deve ser posicionada sobre o fotolito e exposta à luz, preferencialmente em uma mesa de revelação com lâmpadas UV. Outra alternativa é a exposição ao sol, embora, nesse caso, seja mais difícil calcular com precisão o tempo de exposição necessário.

Nos pontos onde a luz atinge a tela emulsionada, a emulsão endurece, enquanto as áreas escuras do fotolito bloqueiam a passagem da luz, mantendo a emulsão solúvel em água. Assim, essas áreas são removidas com um jato de água, revelando a matriz e consolidando o processo de gravação da tela. Esse procedimento envolve algumas variáveis, como a lâmpada utilizada, a distância da posição da tela em relação a fonte de luz, o tempo de exposição, além da quantidade de luz natural no ambiente. Por isso, é importante destacar que a matriz serigráfica, seja ela obtida por estêncil ou fotolito, carrega o resultado de um percurso repleto de etapas, aprendizados, desafios, acertos e descobertas e talvez seja essa combinação de técnica e imprevisibilidade que torna a serigrafia um processo tão fascinante.

Com a matriz serigráfica pronta, seja uma tela gravada ou o estêncil recortado (ver mais detalhes na etapa 3), é preciso selecionar as tintas, separar os papéis e ajustar o rodo. É o momento de calibrar a pressão, definir o ângulo adequado e deslizar a tinta sobre a tela, revelando a imagem. Esse é o instante em que a técnica se une à expressão, é a hora de deixar a criatividade fluir livremente.



Uma aula  
de como  
fazer  
serigrafia  
em casa

**SERIGRAFIA**



Recortando e  
colando o  
estêncil  
na tela

**ESTÊNCEL**

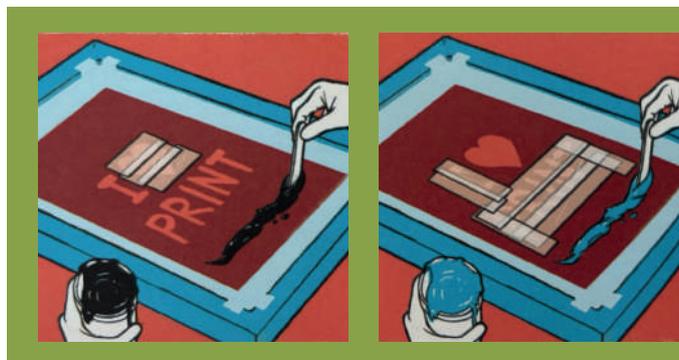
**IMPRESSÃO:** A impressão serigráfica é a materialização de um processo. Escolhemos as cores, os papéis, criamos a arte, preparamos a tela, gravamos ou recortamos a matriz serigráfica e, por fim, revelamos a composição através da impressão. Placa. Serigrafia. Vidas. **Um fluxo de sentidos, um devaneio poético e estético.**

O primeiro passo da etapa de impressão, consiste em vedar a tela com fita adesiva, cobrindo todas as áreas sem desenho. Esse procedimento, além de evitar possíveis vazamentos de tinta, facilita a limpeza posteriormente. Além disso, a tela não deve encostar diretamente na superfície a ser impressa, por isso, geralmente é fixada na mesa de impressão, permitindo que a tinta entre em contato apenas com a superfície com a pressão do rodo. Em uma abordagem experimental, em que provavelmente não se tenha uma mesa de impressão, um truque simples é prender uma moeda em cada canto da tela fazendo com que fique elevada.



Imagem 07 e 08: Vedando a tela para evitar vazamento de tinta e truque da moeda para elevar a tela da superfície.

Imagem 09 e 10: Impressão com mais de uma cor utilizando a mesma tela. Processo de fechamento, com fita, dos locais de cor diferente.



Na serigrafia, é possível imprimir em múltiplas cores, sendo necessário, neste caso, utilizar uma tela para cada cor desejada e recorrer ao uso de registros para alinhar as impressões, garantindo o encaixe do desenho. Como regra geral, a cor mais clara é a primeira camada e conseqüentemente, a mais escura deve ser a última. Caso não haja sobreposição de cores, uma alternativa é utilizar uma única tela e a cada cor a ser impressa isolar, com fita adesiva, as áreas destinadas a outras cores .

Sobre a mesa, coloca-se o papel e a tela. Caso a matriz seja um estêncil, ele deve ser posicionado entre a tela e o papel. A tinta deve ser distribuída na parte superior da tela com a espátula e, em seguida, deslizada com o rodo em um movimento contínuo até a base. A qualidade da impressão depende da pressão e do ângulo do rodo. Para um uso correto, é fundamental mantê-lo inclinado a 45 graus, garantindo que apenas a borda da borracha toque a tela. Além disso, para evitar que a tinta seque e obstrua a trama, é importante distribuir a tinta suavemente até a parte superior da tela após cada impressão, sem aplicar pressão, assegurando uma cobertura uniforme. Com o passar das impressões, o processo se torna mais fluido, bastando trocar o suporte e repetir os movimentos.



Conheça esse livro inspirador sobre a técnica da impressão serigráfica

**MESTRES DA  
SERIGRAFIA**



Imagem 11: Tela serigráfica utilizada na criação de placas durante a pesquisa-formação-ambiental.

# Histórias de vidas a partir dos espaços vividos

## CRIANDO E PREPARANDO O ESTÊNCIL COMO MATRIZ

A etapa 3, História de vida a partir dos espaços vividos | Criando e preparando o estêncil como matriz, foi organizada dando continuidade às etapas anteriores, quando inicialmente, a partir de fotografias, foram trazidos os fragmentos narrativos sobre lugares significativos e, através da produção de um vídeo, uma narrativa com enfoque no espaço escolar.

A pesquisa-formação, embora faça uso de diversas fontes como fotos, vídeos, documentos, filmes, utiliza principalmente o exercício de rememoração em busca da construção e reconstrução da subjetividade. Assim, nesta etapa, os participantes devem ser convidados a escrever a sua **autobiografia ambiental**, uma escrita individual e livre, sem um modelo pré-estabelecido. A autobiografia ambiental é a história de vida com uma abordagem que inclui como exigência a focalização da narrativa nas relações do indivíduo com os lugares significativos na sua trajetória de vida. “Uma história pessoal que inclui o ambiente como o principal ator no conjunto dos personagens”(Elali; Pinheiro, 2008, p.227). Depois de pronta, a autobiografia ambiental deve ser compartilhada através da narrativa oral e posteriormente reescrita, reorganizada, com base nas reflexões individuais e coletivas resultantes desse processo.

A intenção com essa atividade é que ao narrar e compartilhar suas histórias, cada participante possa desenvolver uma compreensão mais aprofundada de si e aprender com as experiências dos outros, num processo criativo e contínuo de expansão das linguagens e geração de conhecimento. Quando nos apropriamos da capacidade de reflexão, ativando o processo criativo de nós mesmos, passamos a figura de artista, de quem cria e vai se constituindo em sujeito biográfico e que através do processo reflexivo busca transformar as vivências em experiências produzindo conhecimento e se (trans)formando naquilo que

### MATERIAIS:

bloco-diário  
lápiz e canetas coloridas  
papel 180gr ou 240gr  
estilete

Imagem 12: Recorte de estêncil. Nesse exemplo, para o recorte da letra E não foi utilizado pontes, dessa maneira a ilha foi eliminada do desenho da letra.



aprende com sua narrativa (Josso, 2010).

Além disso, a autobiografia ambiental pode trazer pistas para o entendimento da influência, enquanto docentes, na organização dos espaços escolares, uma vez que “[...] as narrativas profissionais e pessoais revelam os modos como ocupamos os espaços e como nos relacionamos com o trabalho e com as produções concernentes à arte ou o ofício de educar” (Souza, 2011, p.216). Uma oportunidade de pensar alternativas para transformar os espaços em que vivemos em lugares significativos.

Nesta etapa, é também o momento de decidir a frase que será utilizada, ou as frases, caso decidam fazer mais de uma placa. Novamente a importância do grupo se mostra evidente nessa dinâmica, um espaço de escuta que evoca vivências e pouco a pouco vai produzindo as aprendizagens. As frases de cada participante podem invocar as vivências e reflexões nos outros, a partir de sentidos e significados, produzindo assim as experiências. Um espaço de construção de conhecimentos por meio da socialização. Um espaço de intersubjetividade.

Com as frases selecionadas e as ideias de composição previamente esboçadas, os participantes iniciam a criação da matriz serigráfica, que envolve a elaboração da arte da placa e o recorte do estêncil para a impressão.

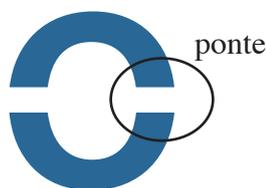
Para esta formação, recomenda-se utilizar papel com gramatura mínima de 120 ou papel manteiga para o recorte do estêncil. Outra opção é um papel resistente ao rasgo, lavável e reutilizável, embora sua disponibilidade no mercado seja mais limitada e o preço mais elevado.

**ESTÊNCIL** é um material recortado, como papel ou acetado, que define o desenho a ser impresso. As áreas vazadas do estêncil, conhecidas como ilhas, são responsáveis pela formação da imagem, enquanto as pontes são as partes que separam as ilhas impedindo que a tinta atinja determinadas regiões da superfície. Quando posicionado entre a tela e o material a ser estampado, o estêncil funciona como uma barreira, permitindo a passagem da tinta apenas nas áreas recortadas, resultando na impressão do desenho desejado.

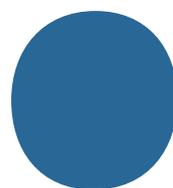
## PONTES NA FABRICAÇÃO DE UM ESTÊNCIL



letra  
desenhada



letra com  
ponte



letra sem ponte  
perde o miolo



Como fazer um estêncil  
e imprimir com tela de serigrafia

**SERIGRAFIA**

# Criação de placas: objetivação da subjetividade

## IMPRIMINDO COM SERIGRAFIA

A etapa 4, Criação de placas: objetivação da subjetividade do grupo | Imprimindo com serigrafia é a simbolização do processo realizado. A materialização, através da impressão das placas, das reflexões, saberes, emoções e percepções, advindos dessa experiência formativa. Uma serigrafia experimental, artística e afetiva contando histórias.

A criação da composição da arte das placas e a produção do estêncil pode ser um desafio, portanto é natural que alguns participantes ainda não tenham finalizado sua matriz. Assim, nesta etapa, diferentes atividades podem ocorrer simultaneamente: enquanto alguns imprimem suas placas, outros seguem na criação da arte e na produção do estêncil. Esse dinamismo é característico da serigrafia. Como nas etapas anteriores, é importante incentivar o grupo a expressar suas reflexões e compartilhar o andamento da sua produção com os colegas, visando contribuir com o aprendizado individual e coletivo.

É válido também ressaltar a importância que antes de iniciar a impressão, cada participante deve separar previamente sua tela, papéis, tintas, espátulas e rodo. Essa organização facilita o processo de impressão. Depois de finalizar as impressões, é possível lavar a tela com água corrente e reutilizá-la. O estêncil, se for recortado em papel comum, geralmente não consegue ser reutilizado, mas existe uma alternativa de papel resistente ao rasgo, lavável e reutilizável.

Como a proposta envolve uma abordagem experimental da serigrafia, é interessante incentivar o grupo a explorar a criatividade, experimentando impressões com múltiplas cores simultaneamente ou criando transições entre tons. No caso das transições, é essencial remover o excesso de tinta; ainda assim, algumas impressões podem apresentar misturas de

cores antes que a segunda tonalidade sobressaia. Recomenda-se o uso de tinta à base d'água, pois, além de facilitar a aplicação e a limpeza, é uma opção mais sustentável.

**TINTA:** Cada tinta proporciona um resultado diferente na impressão, variando em cobertura e brilho. Algumas tintas possuem maior opacidade, enquanto outras são mais translúcidas; algumas são brilhantes, outras foscas. O cheiro das tintas também pode ser mais ou menos intenso. O essencial é experimentar e explorar esse universo de possibilidades.

Em termos de cobertura, as tintas guache, PVA e acrílica fosca são mais aguadas e podem formar pequenas bolhas durante a impressão. Já as tintas acrílicas brilhantes e serigráficas oferecem uma cobertura mais uniforme, com contornos bem definidos. Quanto à textura, a guache é a mais líquida, as acrílicas possuem consistência intermediária, e as tintas PVA e serigráfica são as mais espessas. Dentre essas opções, a tinta serigráfica é a que apresenta o odor mais forte.

Estêncil, tintas, papéis, espátula e rodo separados, é hora de iniciar o processo de impressão, mas antes é importante vedar a tela com fita adesiva, deixando apenas um retângulo na volta do desenho. Esse procedimento protege o papel de possíveis vazamentos e também auxilia posteriormente na limpeza da tela.

## MATERIAIS:

folhas de papel  
tintas coloridas  
espátula  
rodo para serigrafia  
panos para limpeza



Como  
usar o  
rodo na  
serigrafia

SERIGRAFIA



Imagem 13:  
impressão com estêncil.

## COMO IMPRIMIR?

Sobre a mesa, posicionamos o papel, o estêncil e a tela. Com a espátula, distribuimos a tinta na parte superior da tela e, em seguida, puxamos com o rodo em um movimento contínuo até o final. Depois, basta levantar a tela com cuidado e apreciar o resultado da impressão. Nas próximas impressões, o estêncil já vai estar fixado na tela, portanto basta posicioná-la sobre um novo papel e puxar o rodo com pressão em um movimento contínuo. O processo pode ser repetido quantas vezes forem desejadas.

**RODO:** Este é um momento crucial do processo. A qualidade da impressão na serigrafia depende da pressão e da angulação do rodo ao puxar a tinta. Mas como utilizar o rodo corretamente? O rodo deve se manter em um ângulo de 45 graus, garantindo que apenas o fio da borracha encoste na tela. Para evitar que a tinta seque e entupa a trama, uma dica importante é, após retirar a tela da superfície impressa, retornar a tinta para a parte superior da tela sem aplicar pressão, utilizando um movimento suave para espalhá-la uniformemente.

Importante: Durante as impressões, pode vazar tinta, ou seja, a tinta escapar da matriz e as margens do desenho ficarem borradas. Neste caso, o problema pode ser tinta em excesso ou a pressão sobre o rodo não estar ideal. Por vezes, entre as impressões, pode ser necessário intercalar algumas impressões em papel de rascunho para limpar o estêncil.





TELA

ESTÊNCEL

PAPEL

RODO

TINTA

**DICA AO PROFESSOR COORDENADOR:** Ao final de cada placa-etapa, compartilhe com o grupo um compilado daquilo que foi vivido. Escreva um texto, leve uma imagem, uma música, um desenho, selecione alguns relatos. Esse material auxilia processo de reconhecimento dos participantes.

Imagem 14: Materiais necessários para serigrafia.

**O ENCONTRO FINAL** simboliza o encerramento da pesquisa-formação-ambiental. O desejo é que seja mais do que um final, represente o começo de um novo caminho, agora com o olhar mais consciente sobre a importância dos lugares, em especial o espaço escolar.

Cada professor deve apresentar sua placa, ou placas, compartilhando o processo de escolha da frase, da composição estética, das cores e dos papéis. A intenção é proporcionar um percurso reflexivo a partir das placas, um entrelaçamento das histórias individuais. Um processo que acontece através da produção de experiências e que, por meio das narrativas, possibilita a criação de falas que se interconectam e se enriquecem mutuamente.

Neste encontro, também é interessante solicitar que os docentes escrevam um breve relato sobre a experiência formativa, uma avaliação individual sobre o vivido. Esse material é importante para auxiliar futuras formações, apontando melhorias e evidenciando pontos positivos. Além disso, durante a apreciação das placas, a sugestão é que cada participante presenteie os colegas com um exemplar de suas impressões. Placas indicando diferentes caminhos.

Após esse momento, que marca o encerramento da formação, a proposta é que os professores caminhem pela escola e escolham lugares para fixar suas placas. Uma maneira de provocar os sentidos, deles e de outros, num movimento que evidencia o quanto nos projetamos no ambiente assim como o introjetamos. As placas, ao despertarem emoções, memórias e reflexões em quem as observa, contribuem para ressignificar o lugar, possibilitam que este se **transforme em um lugar significativo.**

Quem se deparar com as placas, pode imaginar diferentes histórias, lembrar vivências, pessoas, momentos. Pode refletir sobre acontecimentos e relacionar a mensagem com sua própria trajetória. No conjunto, as placas representam o coletivo, um contexto singular-plural (Josso, 2008), e podem, quem sabe, inspirar outras pessoas a criarem suas narrativas e suas próprias placas.



# de onde surgiu essa formação para docentes?

## UMA TESE E UM PRODUTO EDUCACIONAL

Esse produto educacional foi elaborado junto à tese de Doutorado Profissional em Educação e Tecnologia, intitulada Histórias. Serigrafia. Placas. A pesquisa-formação-ambiental como possibilidade para compreender a inter-relação de professores e seus lugares. Vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdu) do Instituto Federal Sul-rio-grandense e defendida no ano de 2025. Uma pesquisa que transita no campo da Formação de Professores e teve como objetivo compreender, por meio de uma pesquisa-formação-ambiental, a relação que se estabelece entre professores da Escola de Design, do IFSul, campus Pelotas, e o espaço escolar, proporcionando reflexões acerca de possíveis impactos no modo de ser e estar docente e na organização dos espaços escolares.

Em programas de Doutorado Profissional, diferentemente da modalidade Acadêmica, além do desenvolvimento da tese, “os discentes precisam desenvolver um Produto/Processo Educacional (PE) que necessita ser aplicado em um contexto real, podendo ter diferentes formatos” (Rizzati *et al.*, 2020, p.2). Além disso, o produto educacional é uma maneira de tornar pública a pesquisa realizada. Neste sentido, conforme previsto no regulamento do programa PPGEdu:

Art. 29 – O estudante deverá desenvolver um produto educacional que represente o resultado de sua investigação e da construção de conhecimentos dela derivada, e que tenha potencial de intervir na realidade da educação. Este produto poderá ser uma tecnologia, um curso para formação, um material didático, um software ou aplicativo, um evento, uma proposta de norma, um manual, uma tradução, um acervo, um produto de comunicação, uma carta ou mapa, dentre outras possibilidades que poderão surgir.

Parágrafo único: Entende-se por produto educacional o objeto que resulta concreto de um processo de pesquisa aplicada, o qual é tangível à realidade e ao contexto no qual está inserido, visando intervir para a sua transformação (IFSul, PPGEdu, 2019).

Uma pesquisa narrativa. Uma pesquisa-formação-ambiental. Uma serigrafia sobre vidas. Uma pesquisa que surgiu das minhas inquietações e reflete as minhas vivências, principalmente enquanto estive responsável pela coordenação da área física da Escola de Design, afinal **se faz sentir, faz sentido**. A inter-relação pessoa-ambiente. O espaço escolar e a relação que se constitui entre as pessoas e os espaços.

Um estudo em que a cada etapa me aventurei por caminhos distintos com o pressuposto de que mudar é preciso, como diz Clarice Lispector, conhecida escritora brasileira, pois aquilo que desconheço é a minha melhor parte, o melhor de mim é aquilo que ainda não sei, aquilo que ainda vou descobrir. Porque aquilo que não sei é a minha possibilidade de renovação.

Uma pesquisa que me colocou em movimento no espaço tridimensional (Clandinin; Connelly, 2011), em um fluxo flexível, onde memórias do passado dialogam com perspectivas do presente, levando em conta o subjetivo, o social e o contexto em que estão inseridas. Uma aventura. Um rasga daqui e remenda dali, em que a cada nova leitura sobre a psicologia ambiental, arquitetura escolar, espaço escolar, formação de professores, fui descobrindo em mim aquilo que eu ainda desconhecia, aquilo que não sabia. Vivendo a essência caótica da pesquisa narrativa (Clandinin; Connelly (2011) e me constituindo enquanto pesquisadora.

Dessa pesquisa, surgiu este produto educacional que dedico aos docentes e todos aqueles que, assim como eu, buscam uma compreensão do espaço escolar como um espaço que não é neutro (Foucault, 1997, Frago, 1998). Um espaço que limita ou expande, oprime ou incentiva. Um espaço e um lugar. Uma possibilidade de conhecer o meio social mediado pelas experiências, uma oportunidade de formação, um conhecimento de si, uma reconstrução de si, uma vez que agimos com base nas experiências e nos valores que atribuímos a elas, e, tudo isso nos constitui e nos transforma.



# instruções e objetivos das etapas-placa

Para cada etapa-placa da pesquisa-formação-ambiental, é importante organizar um documento com as instruções e o objetivo da atividade a ser desenvolvida. Esse material pode ser anexado no bloco-diário da formação, tornando-se parte da composição que registra a trajetória do processo formativo que está sendo vivido.

É fundamental ressaltar que, ao trabalharmos com histórias de vida, devemos apresentar previamente os objetivos, os procedimentos a serem adotados e o contexto da abordagem biográfica. Portanto, como dito anteriormente, a sugestão é que o documento seja entregue sempre ao final da etapa anterior, assim os participantes já estarão preparados previamente para o encontro.

Esses documentos, disponíveis nas próximas páginas, foram desenvolvidos para uma formação que utiliza a serigrafia experimental como linguagem de expressão. Para outras práticas e ou necessidades do grupo, esse material pode servir de modelo e receber as alterações necessárias.

Lembre-se: **É preciso se sentir preparado para iniciar a narrativa!** Além disso, durante a narrativa dos participantes é importante que o grupo esteja atento, evite interrupções e julgamentos e anote aspectos significativos, questionamentos e reflexões que possam contribuir com o autoconhecimento do narrador. Ao final de cada narrativa, todos devem ser convidados a expor suas anotações.

A impressão dos documentos pode ser feita em tamanho A4 ou se o bloco-diário distribuído for de tamanho menor, a sugestão é que a impressão seja reduzida para A5. A quantidade de encontros necessários para cada etapa, assim como sua duração vai depender do grupo participante. O ideal é que o momento dedicado às narrativas não ultrapasse 1h30.

# serigrafando placas sobre VIDAS — uma formação para professores



Saiba  
mais  
sobre  
serigrafia  
experimental

Seja bem-vindo a essa caminhada consciente de si, que propõe um olhar para si, para as escolhas e influências. Uma pesquisa-formação-ambiental que busca nos lugares vividos uma reflexão sobre as vivências e as aprendizagens. Uma imersão nas histórias em busca das memórias do passado, a compreensão do presente e a prospecção do futuro (Josso, 2010).

Um exercício de narrar, escutar (Barreiro, 2009) e refletir para compreender os possíveis impactos no modo de ser e estar docente e na organização dos espaços escolares. “Uma abordagem que alterna tempos de trabalho individual e tempos de trabalho em grupo articulados a uma leitura de relatos com olhares cruzados” (Josso, 2007). Uma formação para professores a partir de um trabalho biográfico e da serigrafia experimental. A serigrafia, neste caso, como uma outra linguagem de expressão, porque às vezes, somente a fala e a escrita não são suficientes para expressar tudo aquilo que queremos.

Serigrafando placas sobre vidas é uma experiência que envolve fotografia, vídeo, escrita, serigrafia e placas. Diferentes linguagens e abordagens nessa caminhada para si (Josso, 2010). Assim, fica o convite: Monte sua arte, prepare sua tela e experimente o incrível processo da serigrafia para produzir sua própria placa!



**Etapa 01:** Regatando as memórias por intermédio das fotografias / Preparando a tela serigráfica

**Etapa 02:** Rota de apresentação do espaço escolar / Escolhendo as cores e os papéis

**Etapa 03:** Histórias de vidas a partir dos espaços vividos / Criando e preparando o estêncil como matriz

**Etapa 04:** Criação das placas: objetivação da subjetividade / Imprimindo com serigrafia

# 01 Resgatando as memórias por intermédio das fotografias

PREPARANDO A TELA SERIGRÁFICA



Como montar uma tela serigráfica

**TRABALHO BIOGRÁFICO:** Nossas memórias estão atreladas a um espaço. Como diz Paul Ricouer (2007), toda história de vida está ligada a um espaço e um tempo, um espaço partilhado, um espaço concreto e material. Assim, a proposta é um resgate de memórias, através de registros fotográficos e relatos de vida. Narrativas de fragmentos de vivências, a partir de fotografias de lugares significativos. O uso da fotografia é uma maneira de apropriação, uma concretização da apropriação visual. Dessa forma, a intenção é juntar a narrativa e a fotografia porque “a oralidade traz a espontaneidade, a fotografia traz o detalhe” (Oliveira; Oliveira; Fabrício, 2004, p.167).

- Quais foram/são os lugares mais significativos na tua vida?

- Faça fotografias destes lugares que foram significativos. Caso não seja possível em virtude da distância ou demolição, recorra a outros meios como registros fotográficos antigos, foto de lugares semelhantes ou ainda desenho e descrição. A quantidade de fotos é ilimitada.

- Prepare um roteiro, a partir das fotografias, que ajude na condução e socialização dos relatos de vida.

No dia do encontro, utilize as fotografias para conduzir a sua narrativa e, ao narrar, procure trazer aspectos que contribuíram para a sua formação pessoal e profissional. Buque evidenciar situações que geraram mudanças, que estejam atreladas a vivências importantes na sua vida.

**SERIGRAFIA EXPERIMENTAL:** Uma tela serigráfica é um quadro de madeira ou alumínio com um tecido de poliéster esticado. As telas podem ter o tecido preso através de um processo de colagem, ou numa produção mais artesanal, utilizando um grampeador de tapeceiro. Nessa etapa propõem-se a produção de uma tela com tecido de lineatura 77 fios e tamanho A4 ou maior.

# Rota de apresentação do espaço escolar

ESCOLHENDO AS CORES E OS PAPÉIS



Como  
criar um  
roteiro  
de vídeo

**TRABALHO BIOGRÁFICO:** O espaço escolar jamais é neutro. O que percebemos são espaços elaborados e com significados, representações de espaços, um produto cultural resultante das relações interpessoais, dos ritos sociais e das simbologias (Frago, 1998). Assim, a proposta é uma reflexão sobre o espaço escolar através da criação de um vídeo. Um vídeo apresentando o espaço escolar.

- Como eu vejo a minha escola? Como eu me relaciono com esse lugar? O que ele representa para mim? Por onde eu ando? Por onde eu não ando? O que eu vejo? Do que me aproprio? Onde eu gosto de estar? Onde eu não gosto de estar? O que eu faço, conheço e desejo? O que me orgulha e me entristece? Um espaço ou um lugar?

- O vídeo é uma produção individual, a materialização de um processo reflexivo e pode ser produzido de acordo com os conhecimentos, desejos e possibilidades de cada um. Pode ser apenas visual, ter narrativa, ser editado, trazer outros elementos associados as gravações. Use a sua criatividade!

- Faça anotações, a partir do vídeo, que possam ajudar na condução e socialização da sua narrativa.

No dia da apresentação do vídeo, utilize as anotações para guiar a sua narrativa e comente sobre suas escolhas estéticas e poéticas para a criação do material.

**SERIGRAFIA EXPERIMENTAL:** É hora de começar a criar a arte de suas placas. Não se preocupe caso ainda não tenha definido a frase, pois esse processo continua na próxima etapa. Mesmo sem a escolha final, este é um ótimo momento para explorar referências de formatos, tipografias e cores, contribuindo para a construção das composições artísticas.

# 03

## Histórias de vida a partir dos espaços vividos

CRIANDO E PREPARANDO O ESTÊNCEL COMO MATRIZ



Como fazer um estêncil e imprimir na serigrafia

**TRABALHO BIOGRÁFICO:** A autobiografia ambiental é uma abordagem que inclui na narrativa, junto a história de vida, as relações do indivíduo com os ambientes que teve contato durante sua trajetória. A autobiografia ambiental “é, portanto, uma história pessoal que inclui o ambiente como o principal ator no conjunto dos personagens”, em um processo que coloca as pessoas em contato com suas memórias relacionadas com os lugares vividos durante a vida (Elali; Pinheiro, 2008, p.227). Assim, a proposta desta etapa é a escrita da autobiografia ambiental. Um texto pensado, refletido e organizado a partir daquilo que faz sentir, faz sentido.

- Utilize as fotografias, as narrativas dos fragmentos de vivências e o vídeo produzido sobre o espaço escolar. Releia as anotações, reflita sobre os encontros, narrativas e escutas. Resgate suas percepções, sentimentos e aprendizagens.

- Durante a escrita, selecione frases que represente sua história. A intenção é que no final do processo de escrita/oralidade/escrita, uma delas, ou mais de uma, seja utilizada para simbolizar o processo formativo.

Nesta perspectiva coletiva, as placas que serão produzidas na etapa 4, representam a objetivação (materialização) da subjetividade do grupo.

**SERIGRAFIA EXPERIMENTAL:** Com as frases definidas e as ideias de composição previamente esboçadas, é o momento de iniciar a criação da matriz serigráfica. Esse processo envolve a elaboração da arte da placa e o recorte do estêncil para a impressão. Para que o estêncil fique mais resistente a umidade da tinta, recomenda-se utilizar papel de no mínimo gramatura 120. Para recortar indica-se o estilete de precisão.

# Criação das placas: objetivação da subjetividade

IMPRIMINDO COM SERIGRAFIA



Como  
usar o  
rodo na  
serigrafia

**TRABALHO BIOGRÁFICO:** Etapa dedicada a simbolização do processo realizado. A materialização, através da impressão das placas, das reflexões, saberes, emoções e percepções, advindos dessa experiência formativa. Uma serigrafia experimental, artística e afetiva contando histórias. Placas sobre vidas!

- Separe o estêncil, a tela, as tintas, o rodo e os papéis. Essa organização facilita o processo de impressão.

- Divirta-se com a serigrafia e suas inúmeras possibilidades :)

**SERIGRAFIA EXPERIMENTAL:** Planeje as impressões e explore a criatividade! Como a proposta envolve uma abordagem experimental da serigrafia, explore a possibilidade de utilizar múltiplas cores simultaneamente ou criar transições entre tons. O objetivo é espalhar as placas pela escola e trocá-las com os colegas, então certifique-se de planejar uma quantidade suficiente de impressões.

Como funciona a impressão serigráfica? Sobre a mesa, posiciona-se o papel, o estêncil e a tela. Com a espátula, a tinta deve ser distribuída na parte superior da tela e, em seguida, puxada com o rodo em um movimento contínuo até o final. Depois, basta levantar a tela com cuidado e apreciar o resultado da impressão. Nas próximas impressões, o estêncil já vai estar fixado na tela, portanto basta posicioná-la sobre um novo papel e puxar o rodo com pressão em um movimento contínuo. O processo pode ser repetido quantas vezes forem desejadas.

# referencial teórico

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memoriais de formação: a (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação. **Educação**, v. 34, n. 2, 2011. Disponível em: <https://puers.emnuvens.com.br/faced/article/view/9216>. Acesso em: 10 nov. 2022.

ANDRADE, Ricardo. **Fotografia e antropologia**: olhares fora-dentro. São Paulo: Estação Liberdade EDUC, 2002.

BACHELARD, Gaston. **Poética do Espaço**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1958.

BARREIRO, Cristhianny Bento. **Pesquisa-formação**: a construção de si na escuta do outro. 2009. 130 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (org.). **Psicologia ambiental**: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente. Petrópolis: Vozes, 2018.

CAVALCANTE, Sylvia; NÓBREGA, Lana. Espaço e Lugar. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. (org.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. **Pesquisa Narrativa**: experiência e história na pesquisa qualitativa. 2. ed. rev. Uberlândia: EDUFU, 2015.

COOPER-MARCUS, Clare. Environmental autobiography. **Room One Thousand**, v.2, p. 32-42, 2014.

ELALI, Gleice; PINHEIRO, José Q. Autobiografia Ambiental: Buscando Afetos e Cognições da Experiência com Ambientes. In: PINHEIRO, J.; GÜNTHER, H. (org) **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: História da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1997.

FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Tradução de Alfredo Veiga. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. 3ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2018.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**. Porto Alegre, n. 3, p. 413-438, set./dez. 2007.

JOSSO, Marie-Christine. As identidades biográficas são sustentadas por uma existencialidade evolutiva singular-plural. **Horizontes**, v. 26, n.2, p. 9-20, jul./dez. 2008.

Disponível em:

[http://lyceumonline.usf.edu.br/webp/portaUSF/itatiba/mestrado/educacao/uploadAddress/01.AS%20IDENTIDADESBIOGRAFICAS\[12996\].pdf](http://lyceumonline.usf.edu.br/webp/portaUSF/itatiba/mestrado/educacao/uploadAddress/01.AS%20IDENTIDADESBIOGRAFICAS[12996].pdf). Acesso: em 04 nov. 2022.

OLIVEIRA, Valeska; OLIVEIRA, Vânia; FABRÍCIO, Laura. O oral e a fotografia na pesquisa qualitativa. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna B (org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 329-343, maio/ago. 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ep/a/vBbLxwHQHLFnrS48HYbhxw/?lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2022.

PINEAU, Gaston. Experiências de Aprendizagem e Histórias de Vida. In: CARRÉ, Philippe; CASPAR, Pierre (orgs). **Tratado das Ciências e das Técnicas da Formação**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

RIZZATI, Ivanise M. et al. Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores. **Actio**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 1-17, mai./ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio/article/view/12657/7658>. Acesso em: nov. 2022.

SCHNEIDER, Catiucia Klug. **Histórias. Serigrafia. Placas.** A pesquisa-formação ambiental como possibilidade para compreender a inter-relação de professores e seus lugares. 2025. 282 f. Tese (Doutorado em Educação e Tecnologia) - Instituto Federal Sul-rio-grandense, Pelotas, 2025.

SOUZA, Elizeu C. Territórios da escrita do eu: pensar a profissão – narrar a vida. **Educação**, Porto Alegre, v.34, n.2, p.213-220, maio/ago.2011. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/pdf/reveduc/v34n02/v34n02a12.pdf>. Acesso em: 15 set. 2022.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência [livro eletrônico]. Tradução de Lízeia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2015.



serigrafando  
placas sobre  
**VIDAS -**

serigrafando  
placas sobre  
**VIDAS -**



INSTITUTO FEDERAL  
SUL-RIO-GRANDENSE